

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. Tathaba - Lisboa - Telefone: 1
Officinas de impressão: Rua da Atafina, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A LAVOURA...

No dizer dum grande diário matutino, o país está «sob a ameaça da fome». Não era preciso que o grande diário o dissesse. Toda a população portuguesa está submetida não já à ameaça da fome, mas à perspectiva, mas à realidade crua da miséria, da provação e do sofrimento. A fome não é o carregado de ferro que nos espera. A fome é o duplo flagelo que já nos assalvou. E, assim, o grande diário não devia dizer: «sob a ameaça da fome», pois seria tão rigoroso e exacto escrever: «Sob as garras da fome», visto que a fome é a vitória e a dominadora, e pesa lugubremente sobre os lares de quantos não conseguiram, mercê das modernas fórmulas de roubar, grangear um pecúlio anquilozante.

Ora, ainda na opinião do aludido grande diário, o país está sob a ameaça da fome porque o trigo lhe vai cassando, e, de ano para ano, as colheitas cerealiárias diminuem.

É um grande perigo este, não há dúvida. Dizer-se que a produção cerealífera diminui equivale a dizer que toda a restante produção agrícola enfraquece e se abisma. Ao par deste perigo tivemos nós sempre, e, vendo-o crescer, dele damos, por várias vezes, o competente alarme. Os alarmes não viram de nada, e a catástrofe, na sua terrífica magnitude, assusta hoje os reos e troianos.

A população, já dela a fome tomou conta, e é preciso explicar aqui, em termos primários, que a fome significa a falta de alimentos. O remédio está em tornar as fartas as colheitas. Mas o supracitado grande jornal diz que, para atenuar a abundância, se torna necessário proteger «a lavoura».

Está muito bem. É necessário proteger a lavoura. Mas é que pode a população entender por «lavoura»? Quanto mais, «lavoura» significa o árduo amor das terras, o lançamento da semente, as mondas hábeis, as sarchas extras, as colheitas fadigasas... É necessário realmente proteger, fomentar, «lavar a lavoura», se é que tem a palavra o significado que lhe atribuímos. Tememos nós, todavia, que a palavra

NOTAS & COMENTÁRIOS

A conferência de Spa Os aliados, na conferência de Spa, ocuparam-se a valer... da sorte da humanidade. O perigo estava na Alemanha e era necessário que eles, deuses onipotentes, olhassem pela paz mundial. Que vão roubando os comerciantes gananciosos, que morram de fome as multidões, mas primeiro que tudo impõe-se o desarmamento da Alemanha, da febre alemã. As importantes resoluções foram tomadas durante o five o'clock (chá das cinco).

Lloyd George, pousando a chicara, exclama:

— Se a Alemanha não desarma, nós, aliados, pacíficos, enviaremos as nossas tropas a Berlim!

O chanceler Fehrenbach murmura tristemente, mastigando um bolo:

— Mas se nós desarmarmos a quem manterá na ordem os sanguinários anarquistas e os operários esfaumados? Será a revolução, seria o bolchevismo!

Lloyd George, disfarçadamente, enquanto lhe passa o lume do charuto, diz-lhe ao ouvido:

— Parvo, isto é fútil! Vocês conservam as armas, que nunca são demais para semelhante gente.

Em redor, sem nada ouvir, os restantes convivas, aspiram, deleitados, o fumo das cigarretas, saboreiam os bolos e falam animadamente de mulheres...

Cumprimentos... Quando, na noite de antanho, estávamos entregues, nesta oficina, tarefa diária de metralhar, embora com balas de papel — que aliás não são das menos contundentes — o Estado e outras instituições burguesas, fomos visitados pelo chefe de gabinete do sr. Fernando Broderick, actual ministro da marinha, o qual, por intermédio daquele senhor, enviou os seus cumprimentos a este órgão revolucionário, com palavras de vãs amáveis.

Registamos o facto, que deu ensejo a que o secretário ministerial verificasse, talvez com olhos pasmados, que nesta casa de demolidores impenitentes não há afinal daqueles homens de aspecto trágico, como muitos burgueses nos pintam teatralmente, antes se dá a circunstância dos homens que aqui trabalham se parecerem, embora não no físico, com todas as outras criaturas. E, quanto à caveria que, segundo os mesmos burgueses, habitamos, terá igualmente verificado que ela não é tão hedionda que não apresente em cada secretária um sorriso, quase sempre com flores lindas, que é um dos nossos trancos...

Um metéoro O nosso informador da Arcada forneceu-nos a seguinte nota, que bem caracteriza o mau estado das instituições:

«O estado das latrinas e urinatórios do ministério do interior é verdadeiramente vergonhoso. A água choca dos canos da latrina escorre pelo pavimento e, pelas escadas e infiltra-se pelas paredes, já salitradas. Apesar das instâncias feitas no sentido de que um tal estado de coisas termine, as formalidades burocráticas não permitiram ainda que meia dúzia de operários ali apareça a acabar com aquela vergonha, que representa não só falta de respeito pela higiene e limpeza, mas também falta de amor pelo edifício e pela economia, pois que os estragos já produzidos pelo desmazelo exigirão para o seu reparo uma soma de dia para dia mais avultada. É este facto da mesma ordem em frente à Direcção Geral de Saúde, que mais uma vez acaba de pedir providências».

A sociedade burguesa é também uma espécie de urinol, de que todos usamos e de que dia para dia menos probabilidades de conserto tem. E deixou-o estar até um dia cair de podre...

A alta A propósito da baixa dos artigos em Portugal é sempre bom falar da alta de preços a que tudo chegou.

Os comerciantes cá da terra não se resolvem a baratar os artigos. Nós sabemos por quê. Porque o consumidor ainda não se resolveu a obrigá-los a restringir os ganhos exagerados. Enquanto assim não fizer, a baixa dar-se-á apenas... no nosso estômago.

UMA IDEIA

Nos domínios da literatura

Ante a barreira da Ordem Velha, que se forme a da Ordem Nova

As selvagens que o sr. Salvagem mandou imprimir no *Diário de Notícias*, onde, no famoso inquérito literário, se continua a recetar monotonamente elixires patrióticos ou nacionalistas, para cura da enfermidade contagiosa que atacou os nossos literatos, fizeram-me pensar um pouco na possibilidade dum agrupamento de literatos e jornalistas avançados.

E se assim pensou, foi pela simples razão de notar que os partidários da *Ordem Velha* se combinaram em singrar todos pelo mesmo mar, de marés favoráveis ao tal nacionalismo salvador da pátria e outros espantalhos com que tentam, mais uma vez, iludir a boa fé do público que os lê. De facto a associação dos literatos conservadores está feita, visto que todos eles seguem as mesmas pisadas, repetem as mesmas frases e defendem os mesmos interesses.

Há uma obstinação unânime em defender encobertamente a actual ordem social e até, se possível fosse, fazer retrogradar um pouco essa ordem. O nacionalismo integralista anda em quasi todas as opiniões expressas no famoso inquérito. Poucos, como Aquilino Ribeiro, se atrevem a confessar, embora atabalhoadamente, ideais republicanos. Grande número deles se inclina para o nacionalismo estreito e estéril.

O nacionalismo que canta as belezas da pátria e cita Camões é extremamente cómodo para quem o exerce, e garante a glória a meia dúzia de Dantas snobs e balofos.

A literatura continuará mais e mais a desviar-se do seu verdadeiro papel para se tornar o prazer de uma elite social, que vê os seus vícios constantemente adulados e a sua fé patriótica exaltada no romance, na novela, no verso ou no conto.

Teremos assim uma literatura aristocrática, fora da época, separada do povo, a quem não interessa.

Esses literatos não olham para o momento histórico que atravessamos, não vêem que o mundo marcha para uma transformação fatal, inevitável e que a sociedade de amanhã não pode de forma alguma alimentar o seu espírito com o fumo do seu cigarro, e outras ninharias ideológicas. Uma multidão imensa vai surgindo pouco a pouco do incógnito; essa multidão tem necessidades intelectuais, cada vez mais exigentes, a satisfazer; ela quer que falemos dos seus sentimentos, das suas dores e das suas alegrias. E a actual geração, que tam pobresinha de ideias se apresenta, não satisfaz.

Alguns literatos e dramaturgos quizeram, em tempos, deixar a corrente da banalidade contemporânea, remar mesmo contra essa corrente. Mas eram poucas as vozes destoantes e depressa foram abafadas pelo coro de conveniências dos potentados das letras.

Não vai muito longe o insucesso de Bento Mantua, Bento Faria e Cesar Porto. A perda desses homens foi um espectáculo triste. Naquele tempo, que não vai longe, ainda os senhores das letras puderam destruir a boa semente que principiava a germinar; o povo estava ainda extremamente agarrado aos velhos ídolos, e Mantua e Faria tiveram de calar-se, render-se. Agora, porém, mudaram os tempos, mudaram os ventos, e há uma verdadeira sede de novidade. As obras dos escritores modernos esgotam-se. Mirbeau, Barbusse, Ibañez, Dicaenta e outros são lidos ávidamente. Não encontrando autores nacionais que lhes ligam as pisadas, o público enche-se de brochuras estrangeiras.

A literatura espanhola, que em cerca de vinte anos se colocou a par das melhores de outro ideal que não seja o de mercadejar ideias, encontram-se quasi só em campo; os editores desfazem-se em vendas para com suas excelências os consagrados da asneira; todas as deferenças vão para eles, porque jántam com os ministros e dão bons rendimentos as suas editores.

Um núcleo, enfim, de escritores avançados, livres de preconceitos, que compreenda bem qual é o seu dever neste momento em que o mais curto espaço de tempo se tem de preparar o espírito popular para a sociedade de amanhã, é uma urgência imperiosa.

Criço que esta minha ideia não cairá no vazio. Aqueles que vêm na literatura mais alguma coisa do que o sacro onde se vão buscar as comodidades de estômago poderão dizer algo sobre o caso.

A atmosfera criada pela literatura decadente é asfíctica. É preciso arejar o ambiente e neutralizar a acção nefasta dos literatos criminosos.

Mário DOMINGUES

REPORTAGENS DE ESPANHA

O péssimo serviço dos eléctricos dá origem à amotinção do povo, que lhes lança fogo — Quem foi? — Ninguém sabe!

MADRID, 6 de Julho

Se bem que os leitores de *A Batalha* já estejam informados, pelos telegramas das agências, de que houve, em Madrid, motins provocados pelo aumento das tarifas dos eléctricos, vamos dar algumas notas sobre o que foi essa explosão da ira do público madrileño, que desta vez caprichou em mostrar que nem só os *toros* lhe interessam, talvez até porque estes lhe vão interessando menos, se lançasse à rua em defesa da sua bolsa e da sua dignidade.

Pretendia a Companhia dos eléctricos aumentar os preços das passagens, e estava decidido que o aumento começaria a vigorar a partir do dia 1 do corrente mês, mas por desgraça, na véspera, 30 de Junho, o serviço dos carros foi verdadeiramente detestável.

De manhã houve duas interrupções, estando os carros parados, das duas vezes desde as doze e um quarto até às treze e meia, e durante a tarde as interrupções repetiram-se frequentemente.

O público impacientava-se e o seu despeto subiu de ponto, porque às demoras motivadas por quaisquer avarias, juntava-se a deficiência no serviço, o que deu origem aos sucessos de que os telegramas se fizeram eco.

O povo lança fogo a alguns carros

Como dissemos, durante o resto da tarde, os carros suspenderam repetidas vezes a sua marcha, e este facto mais exacerbou os ânimos, de forma que à noite a população deu largas à sua indignação.

Próximo das 21 horas, seguiam pela rua de Hortaleza, separados por pequenas distâncias, seis carros da linha S. Francisco-Prosperidad, que a anomalia do serviço ali havia acumulado; os veículos iam repletos de passageiros.

Durante o trajeto, os carros pararam várias vezes, protestando os passageiros com desusada violência, e a entrada da rua de Diego de Leon, faltou de novo a corrente, tornando-se mais ruidosas as manifestações dos passageiros.

Ao fim de alguns momentos, o carro 185, que era o primeiro da «bicha», empreendeu a marcha, mas isso conseguiu acalmar a exaltação dos viajantes, e ao chegar o carro à esquina da rua Alonso Heredia, juntou-se ao protesto dos passageiros o dum numeroso grupo de mulheres, que naquele sítio esperava para seguir viagem, e então o motim foi medonho, pois os protestantes organiaram por uns quinhentos, e subitamente o povo tomou uma atitude energética e decidida; o condutor e o guarda-freio foram convidados a abandonar o carro, e ficando este completamente vazio, caiu sobre ele uma terrível chuva de pedras, ficando quebrados todos os vidros, mas, de repente, dentro a multidão parou o grito:

— Queimemo-lo!

De repente apareceram latas de petróleo e de gasolina e molhos de palha, que foram colocados sob os bancos, sendo todo o carro regado com aqueles líquidos e largaram-lhe fogo, convertendo-se o veículo numa enorme fogueira, que por um risco os prédios em volta; tudo isto foi executado com uma extrema rapidez e no meio de frenéticos aplausos da multidão.

O desespero popular tinha chegado ao rubro e não se conteve, pois que os protestantes empreenderam numa correria desesperada, estacando à esquina da rua do General Porlier, onde acabavam de chegar a essa altura, da rua de Diego de Leon, mais três carros, aos quais foi lançado fogo da mesma forma, depois de serem convidados a sair os passageiros e os empregados.

Os polacos em perigo

A's portas de Rowno

LONDRES, 3. — Os jornais publicam notícias segundo as quais prossegue virulento o avanço dos bolchevistas. Entram-se já às portas de Rowno.

As tropas vermelhas entram em Minsk

BASILEA, 3. — Dizem de Koenigsberg que um periódico da localidade anuncia a entrada das tropas vermelhas em Minsk.

Os bolchevistas perseguem os polacos

LONDRES, 3. — O comunicado bolchevista de 1 de Julho, recebido por radiograma, diz que na região de Nómir as tropas continuam a sua perseguição aos polacos em retirada.

Fizeram prisioneiros e capturaram em número considerável de homens. As tropas bolchevistas seguem o avanço em direcção a Rowno, e chegaram já 45 quilómetros a esta distância.

Os polacos mobilizam apressadamente

VARSÓVIA, 3. — O governo polaco voltou um apelo excitando a população masculina a alistar-se no exército para fazer frente à invasão bolchevista. Alistaram-se já milhares de homens, e as marchas para a frente de combate. A mobilização de tropas foi levada a efeito com rapidez.

Produziram grande júbilo as notícias de Bruxelas, segundo as quais a Conferência Inter-aliada estudará hoje referente a ajuda à Polónia, que os russos polacos dizem que há de ser imediata, por causa da injunção da grande ofensiva russa.

Os vermelhos alcançaram víveres e matérias primas

VARSÓVIA, 3. — A situação na frente continua sendo séria. Os bolchevistas tiveram um êxito e conquistaram importantes territórios, nos quais vão entrar víveres e matérias primas de que se estão muito necessitados.

No entanto, o território polaco está protegido pelo exército de Pelsudski.

A Polónia pede o concurso de Foch

BRUXELAS, 3. — Confirma-se ter recebido a Conferência Inter-aliada notícias alarmantes acerca dos progressos das forças bolchevistas contra a Polónia, e que se dá a situação militar daquele Estado.

Os marechais Foch e Wilson foram convidados sobre o assunto.

Parece que a Polónia pede aos aliados concurso de Foch contra a invasão.

C. G. T.

Comissão da carestia da vida

Reuniu ontem a comissão de estudo sobre a carestia da vida, voltando a reunir-se, às 20 horas, prelições, na sala C. G. T.

As condenações dos rurais de Évora

Foi ontem, pelas 14 horas, recebida em Belem pelo presidente da República a comissão nomeada pelo povo de Évora, no comício de protesto contra a condenação dos rurais no tribunal daquela localidade, realizada no dia 13 de Junho passado, que veio expor à primeira autoridade do país a infâmia praticada e ao mesmo tempo pedir a sua intervenção para que justiça se fizesse.

A comissão, que era constituída pelos srs. Perdigão Queiroga, proprietário industrial; Gabriel Mendes, pedreiro e mestre de obras, e João Alcanena, operário da construção civil, foi acompanhado do dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., e Alfredo Pinto, membro do mesmo Conselho.

O dr. sr. António José de Almeida, disse não estar na sua alçada o imiscuir-se nas questões judiciais, mas que, apesar disso, se interessaria por que fosse feita justiça aos rurais de Évora, prometendo até, se isso fosse necessário, incluí-los na próxima comutação de penas.

As manobras dos armadores de Olhão

Classes que protestam contra a prisão de Francisco Faxella

Ainda ontem relatávamos a peregrinação pelas cadeias do camarada Francisco Faxella, vítima do ódio dos armadores de Olhão, e já tivemos conhecimento de que foi novamente transferido para a Boa Hora para o governo civil.

Cremos que, não encontrando as autoridades motivos plausíveis, porque não os há de facto, que incriminem aquele dedicado camarada, chegam a não saber o destino a dar-lhe. Sendo assim, será melhor pô-lo em liberdade, pois já há mais tempo deviam ter praticado esse acto de justiça.

Os protestos contra a sua prisão generalizam-se nas classes operárias. Num dos nossos últimos números publicámos uma notícia de Faro, na qual, numa assembleia magna, os ferroviários do Sul e Sueste votaram uma moção contra tal arbitrariedade, enviando nesse sentido um telegrama ao ministro do interior.

O nosso correspondente em Olhão comunica-nos também que reuniu na terça-feira a construção civil para tratar desse caso, sendo resolvido mandar ao ministro do interior a seguinte representação:

«Ex.º sr. ministro do interior. — Os operários da construção civil do concelho de Olhão, reunidos no dia 6 em assembleia magna, resolveram por unanimidade protestar contra a prisão arbitrária e sem fundamento do camarada Francisco Faxella, e pedir a sua libertação imediata, e a prisão arbitrária feita na pessoa do presidente da Associação Marítima de Olhão, Francisco José Fernandes Faxella, não que nada há que justifique tal prisão, pedindo a v. ex.º se digna mandá-lo libertar».

A classe dos carreiros de Olhão também devia ter reunido na quarta-feira, especialmente para lavar o seu protesto contra a mesma prisão.

Se fosse noutro país!

Ampliando o que dissemos no nosso número de anteontem acerca do jazigo hulliflor que existe entre Alcácer do Sal e a Torre da Gadanha, acaba um camarada nosso, de S. Tiago do Escoural, que acidentalmente se encontra entre nós, de prestar-nos algumas informações interessantes, a face delas se podendo verificar do desinteresse que os governantes tem mostrado pelos problemas que mais seriamente os deveriam preocupar, se em vez de contrariarem os interesses nacionais, que fomentadamente dizem servir, não procurassem para criar as maiores dificuldades à grel, possivelmente assoldados para esse efeito pelos argentinos, pois doutro modo não se explica o seu desinteresse por assuntos que, como este, muito importam à economia nacional.

Segundo o nosso referido camarada, aquele jazigo de carvão fóssil foi descoberto, há cerca de dois anos, pelo operário mineiro Manuel Ameixa, que vive no Escoural, o qual em seguida o foi registar.

Tendo dado conhecimento da sua descoberta a várias pessoas, a quem mostrou bocados de carvão que trouxera da mina, a notícia chegou ao conhecimento de uns indivíduos que, volvidos poucos dias, apareceram na herdade da Figueira, local onde, conforme dissemos, existe a mina, os quais indivíduos, dizendo-se engenheiros nomeados pelo governo, se apossaram da mina, não querendo saber do Manuel Ameixa, que a descobriu e registara em seu nome.

Se fosse noutro país!

Ampliando o que dissemos no nosso número de anteontem acerca do jazigo hulliflor que existe entre Alcácer do Sal e a Torre da Gadanha, acaba um camarada nosso, de S. Tiago do Escoural, que acidentalmente se encontra entre nós, de prestar-nos algumas informações interessantes, a face delas se podendo verificar do desinteresse que os governantes tem mostrado pelos problemas que mais seriamente os deveriam preocupar, se em vez de contrariarem os interesses nacionais, que fomentadamente dizem servir, não procurassem para criar as maiores dificuldades à grel, possivelmente assoldados para esse efeito pelos argentinos, pois doutro modo não se explica o seu desinteresse por assuntos que, como este, muito importam à economia nacional.

Segundo o nosso referido camarada, aquele jazigo de carvão fóssil foi descoberto, há cerca de dois anos, pelo operário mineiro Manuel Ameixa, que vive no Escoural, o qual em seguida o foi registar.

Tendo dado conhecimento da sua descoberta a várias pessoas, a quem mostrou bocados de carvão que trouxera da mina, a notícia chegou ao conhecimento de uns indivíduos que, volvidos poucos dias, apareceram na herdade da Figueira, local onde, conforme dissemos, existe a mina, os quais indivíduos, dizendo-se engenheiros nomeados pelo governo, se apossaram da mina, não querendo saber do Manuel Ameixa, que a descobriu e registara em seu nome.

RIQUEZA DESPREZADA

Comecemos então as pesquisas, realizadas pelos tais engenheiros, pesquisas que não foram continuadas, e do resultado das investigações efectuadas nada constou publicamente, o que nos dá o direito de supor que aqueles indivíduos não eram delegados do governo, mas talvez da firma Burnay, em poder de quem tem estado a mina, segundo o nosso informador. E se de facto os *soldados* engenheiros ali tinham sido mandados pelo governo, este não se preocupou um instante com rico filão, a despeito dos homens que nos últimos anos tem passado pelas cadeias do poder invocarem continuamente, com aparente inquietação, as dificuldades criadas ao país pela carestia e preço dos respectivos fretes, etc., quando é certo que há dentro do país, e bem perto da linha férrea, como sucede cá de Alcácer do Sal, carvão excelente e em grande quantidade, mineral que o Estado não tem tido extrair porque o Estado é a incuria, o desleixo máximo.

O camarada que nos deu as informações que acima reproduzimos contou-nos ainda que perto da herdade da Figueira, no sítio da Cairinha, freguesia de S. Cristovam, há também uma mina de cobre, que já principiou a ser explorada, mas que hoje está desprezada, e no Escoural, em plena freguesia, há duas minas de ferro, qualquer delas possuindo muito mineral.

Pelo que se vê, a região é riquíssima em mineral. Mas isto, que num país de iniciativas largas e de trabalho fecondo, seria motivo para despertar vivo interesse, entre nós, mercê da péssima administração burguesa, constitui roupeza morta, ouro desprezado.

O vexame das "bichas"

É escandaloso o que se vem passando com as *bichas*. Parece que propostamente se fornecem os artigos em mínimas quantidades e a um número reduzido de negociantes para que se faça sofrer uma população inteira. As *bichas* são um verdadeiro inferno. Criaturas há que vão para as portas das carrovoias ou outros estabelecimentos, às vezes pelas 2 horas da madrugada para poderem ser servidas em primeiro lugar e não perderem um tempo precioso, que lhe falta nos arranjos domésticos. Dessa hora em diante a multidão vai afilando e, quando a venda começa, conta-se por centenas o número de homens, mulheres e crianças que formam o *réquie*.

As nossas companheiras, sob um sol ardentíssimo, com a casa abandonada, sem poderem cuidar dos filhos, ali permanecem um dia inteiro, arrelhoando-se, emagrecendo-se, empurrando-se, porque se lembram das crianças que ficaram sós, dos maridos prestes a regressar da labuta cotidiana, com a refeição por fazer.

É duro isto e calamitoso o que devemos sofrer naquelas infernáveis horas as nossas companheiras. Temos tido ocasião de apreciar as *bichas* e ficado bem o resto de todos os que nela são obrigados a permanecer. Denota-se claramente o desassossego, a revolta, o grande sofrimento moral que ali retem aquelas criaturas, na esperança ilusória de obterem uma insignificante quantidade do género que se vende, pois que a maior parte das vezes sucede retirarem-se, ao fim de um dia de sacrifício, sem nada poderem levar para casa!

É vexatório tal espectáculo, e os *anjos*, por mais que se pretendam encobrir, exaltam-se, revoltam-se contra quem não providencia, e não erramos se dissermos que assistimos, dum momento para o outro, a explosão de dores acumuladas no peito de todas essas

mulheres que sofrem dias e dias, às portas dos estabelecimentos, sem nada conseguirem do que tanta alta lhes faz em casa. E' que elas, tendo o encargo da direcção do *menage*, não podem passar uma vida inteira a esperar pelo que nunca vem, numa passividade sem limites, com a preocupação de ter a casa abandonada sem terem um momento sequer que lhes possam dedicar.

Tudo isto é infame e tem de acabar, para bem de todos e para descanso dum população inteira.

Fornecem gêneros em quantidade suficiente, porque os há; obrigam por todos os processos, por todos os meios — não haja só a força para o operário — a apresentá-los no mercado e esta vergonha, esta vida de inferno, acabará.

Ainda anteontem na carrovia da Rua da Rosa, esquina da travessa do *Flor de Deus*, estacionou durante todo o dia uma *bicha* enorme para obter carvão. De quando em vez, segundo pessoa que aqui nos veio relatar o facto, saíam pelas portas da travessa guardas republicanas e diversas pessoas com aquele artigo, havendo até, a certa altura, um empregado da casa que saía também com um saco de carvão. Muito naturalmente a multidão protestou, e aquele empregado agrediu a sôco na cara Adolfin dos Santos Orlao. Os guardas que estavam de serviço não só não se incomodaram com o caso, como ainda se puzeram ao lado do empregado, tendo-se nisso salientado o 1010, da 3.ª guarda, que, segundo o mesmo informador, se encontrava um pouco alheio das suas funções cerebrais, devido a libações constantes.

Como esta está continua as *queixas* que aqui nos vem trazer e a alguma das quais temos dado publicidade.

Mas não há forma de pôr isto a direito, quando tam facilmente tudo se traria nos eixos e não teríamos ocasião de verberar procedimentos tam incoerentes, se a energia das autoridades não se limitasse apenas sobre os pequenos!

Juan de la CALLE.

